



PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Entrevista com Suzane Ketlyn Martello – Combate à hanseníase

No último domingo de janeiro é comemorado o Dia Mundial Contra a Hanseníase e o Dia Nacional de Combate e Prevenção da Hanseníase.

O Papa Francisco, em mensagem enviada aos participantes do II Simpósio sobre a Doença de Hansen, afirmou que “o que deve nos preocupar, hoje mais do que nunca, é que não só a doença pode ser esquecida, mas também as pessoas”.

Segundo o Ministério da Saúde, o Brasil ocupa a 2ª posição do mundo entre os países que registram casos novos de hanseníase, o que mantém a doença como um importante problema de saúde pública no país.



Entrevista com: Suzane Ketlyn Martello, Coordenadora do Núcleo de Ensino e Pesquisa do Hospital de Dermatologia Sanitária do Paraná, Hospital São Roque.

Diga para o nosso ouvinte o que é a hanseníase?

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa causada por um bacilo chamado *Mycobacterium leprae*. Ela apresenta uma evolução crônica e acomete principalmente a pele e os nervos periféricos com alto poder incapacitante. Configura ainda como importante problema de saúde pública em vários estados do Brasil, que é o segundo país no mundo em número de casos.

Como a pessoa pode desconfiar que tem hanseníase?

O principal sintoma da doença inicialmente é uma mancha branca ou avermelhada na pele com alteração de sensibilidade ao calor, frio, dor e tato. Ou

seja, aquela mancha se torna amortecida. Essa é a principal característica que diferencia uma mancha de hanseníase de outras doenças de pele, essa alteração de sensibilidade. Além disso, outros sintomas podem incluir dor, amortecimento, sensação de formigamento e choque, perda de força, principalmente em mãos e pés, perda de pelos tanto na região das manchas como de cílios e sobrancelhas, lesões na mucosa nasal, pele ressecada principalmente em braços e pernas com diminuição inclusive da produção de suor, além de caroços dolorosos sob a pele, placas com bordas elevadas em várias regiões do corpo, entre outros sintomas.

Como a hanseníase é transmitida?

A transmissão ocorre pelas vias aéreas superiores, ou seja, por meio de gotículas de saliva eliminadas na fala, tosse e espirro. Porém, é preciso um contato próximo e prolongado com um doente bacilífero sem tratamento, pois é necessário uma alta carga bacilar para desencadear a doença. Por isso, a transmissão geralmente ocorre entre pessoas que moram na mesma casa, por terem esse maior contato. E doentes em tratamento não transmitem mais a doença. Logo, não é necessário ter medo de ser contaminado. E cerca de 90% das pessoas apresentam imunidade nata ao bacilo, ou seja, apenas 10% da população mundial é suscetível a adoecer se entrar em contato prolongado com um doente sem tratamento.

Como é feito o diagnóstico da hanseníase?

O diagnóstico da doença é feito por qualquer médico. Não precisa ser dermatologista ou médico hansenologista. É essencialmente clínico, a partir do exame físico e da história clínica, ou seja, não depende de exames complementares para ser confirmado. Apesar disso, o profissional pode solicitar alguns exames para auxiliar na confirmação do diagnóstico quando tiver acesso a esses exames, como a baciloscopia, por exemplo. Porém, vale frisar que um exame negativo não exclui o diagnóstico, pois em sua fase inicial a doença geralmente não é detectada por esses exames.

Se uma pessoa na família tem hanseníase, que cuidados essa família deve ter em casa?

Não é necessário nenhum tipo de cuidado como uso de máscara, luva, separação de talheres, toalhas, nada disso. Quando alguém é diagnosticado com a doença a principal forma de prevenção para os demais membros da família é que esse doente receba o tratamento oportuno, pois algumas horas após a

primeira dose da medicação a pessoa deixa de transmitir a doença. Além disso, todas as pessoas que moram ou moraram com o doente nos últimos cinco anos, bem como contatos sociais relevantes devem ir até uma Unidade Básica de Saúde para serem avaliados. E precisam ser acompanhados anualmente por pelo menos mais cinco anos. Isso porque a doença possui um longo período de incubação, em média de dois a sete anos, sem manifestar qualquer sintoma. Então, pode ser que no momento da avaliação o familiar não apresente nenhum sintoma da doença que pode estar nesse período de incubação, mas poderá vir a apresentar nos próximos anos. Por isso, a importância do acompanhamento e de ficar vigilante quanto a qualquer sinal ou sintoma para procurar atendimento. Recomenda-se ainda que contatos maiores de um ano de idade não vacinados ou que receberam apenas uma dose da vacina BCG recebam a vacina novamente como uma forma de imunoprofilaxia.

Como tratar a hanseníase e quanto tempo dura o tratamento?

O tratamento da hanseníase é feito por uma associação de antibióticos, a chamada poliquimioterapia, que é oferecida gratuitamente pelo SUS. Deve ser iniciado imediatamente após o diagnóstico. O paciente recebe mensalmente uma cartela que contém uma parte destacável que é a dose supervisionada, ou seja, deve ser tomada em frente a um profissional de saúde. Os demais comprimidos são autoadministrados e o paciente os toma em casa diariamente. Pacientes diagnosticados com o tipo paucibacilar da doença devem realizar o tratamento por 6 meses e os multibacilares por 12 meses. Mensalmente, deve comparecer à Unidade de Saúde para retirar a nova cartela, receber a dose supervisionada e ser acompanhado pelo médico e demais profissionais da equipe multidisciplinar, como enfermeiro, fisioterapeuta e terapeuta ocupacional, por exemplo.

O que acontece se a pessoa interrompe ou abandona o tratamento?

O abandono do tratamento favorece o desenvolvimento de resistência à antibióticos que podem deixar de serem eficazes para ele. Com o tempo, por meio da multiplicação dos bacilos que ainda estavam viáveis o paciente volta a transmitir a doença perpetuando essa cadeia de transmissão. Além disso, fica mais suscetível a desenvolver incapacidades físicas, deformidades, reações hansênicas e outras complicações.

Como acabar com o preconceito ou com a ideia de que uma pessoa com hanseníase precisa ser isolada da comunidade?

A melhor forma de acabar com o preconceito é por meio da divulgação do conhecimento à população e profissionais de saúde sobre a doença. No passado, usou-se o internamento compulsório, segregando esses pacientes em hospitais-colônia em todo o Brasil, uma vez que não havia tratamento adequado. Porém hoje a doença é curável e o tratamento é ambulatorial. O paciente não precisa ser internado a não ser que apresente complicações. Logo após as primeiras doses do tratamento o paciente deixa de transmitir a doença. E reforçando, a transmissão ocorre após um contato prolongado com o doente sem tratamento e apenas 10% das pessoas são suscetíveis a adoecer. Então, não é preciso nenhum cuidado adicional como uso de máscaras ou luvas, por exemplo. Portanto, não há motivos para ter medo de uma pessoa com hanseníase, tanto no atendimento desse paciente quanto no convívio social.

É possível prevenir a hanseníase? De que forma?

Os principais meios de prevenção da doença estão no diagnóstico precoce, tratamento oportuno e examinação dos contatos. Só assim é possível interromper a cadeia de transmissão da doença. Até o momento não existe uma vacina específica para a hanseníase. No entanto, a BCG aplicada logo após o nascimento reduz os riscos de desenvolver a doença principalmente em suas formas mais graves.

Qual é a situação da hanseníase no Brasil?

O Brasil é o segundo país com maior número de casos da doença, sendo superado apenas pela Índia. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, no ano de 2020, o Brasil concentrou 93,6% dos casos novos nas Américas. Entre os anos de 2016 e 2020 foram diagnosticados 155.359 casos da doença no Brasil, 55,5% do sexo masculino, com maior frequência entre indivíduos de 50 e 59 anos. Os estados mais endêmicos são o Mato Grosso e o Tocantins. E as regiões centro-oeste e norte são as que concentram os maiores números de casos. Ao passo que as regiões sul e sudeste são as com menor incidência. O número de casos registrados no Brasil já vinha apresentando uma tendência de queda, porém observou-se uma queda muito mais acentuada nos últimos dois anos que pode estar relacionada a menor detecção de casos devido a pandemia da Covid-19, tanto pela sobrecarga dos serviços de saúde como pelas restrições

impostas no período. Ou seja, deve ter muitos casos sem diagnóstico, sem tratamento, com grande risco de desenvolvimento de incapacidades físicas e deformidades e mantendo a cadeia de transmissão da doença.

**(MENSAGEM) Irmã Veneranda da Silva Alencar,
Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança.**

Como a Pastoral da Criança colabora no combate a hanseníase?

A Pastoral da Criança é parceira de muitas entidades que querem ajudar a eliminar a hanseníase no Brasil. São muitos os líderes que vão de casa em casa orientando como identificar essa doença e buscar tratamento no serviço de saúde. Os líderes acompanham também as pessoas que estão fazendo o tratamento da hanseníase para que sigam o tratamento até o fim. Procuram esclarecer à comunidade que o preconceito e o medo em relação às pessoas com hanseníase não se justificam, já que essa doença tem cura. O tratamento é gratuito e os medicamentos estão disponíveis no Serviço de Saúde em todo o país. A Pastoral da Criança também produziu um material educativo sobre a hanseníase e continua levando adiante uma série de atividades de orientação e de busca de resultados que mostram que é possível eliminar esta doença.

Esta entrevista é parte do Programa de Rádio Viva a Vida da Pastoral da Criança.
Programa de Rádio 1636 - 30/01/2023 – Combate à hanseníase